

Conrado Zanotto

São Paulo, 2018

Quanto tempo faz que o tempo começou?

Pense de onde vem o tempo, estes momentos compostos por agoras, lembranças e memórias entre passado, presente e construções imagéticas de um futuro, ou o tempo é apenas uma ideia inventada? Linear ou não linear, o tempo não vai parar.

O relógio e as horas que contamos no dia a dia, ao vermos as noites serem apresentadas pela hora mágica do por do sol, traduzem a relatividade do tempo com o espaço. Tempo espaço este que se mostram presentes, e, quanto mais artificial e controlado é o tempo, mais em espaços pré determinados as pessoas viverão.

O Papa Gregório estabeleceu o calendário vigente, o Gregoriano. Criou-se uma medida de tempo não exata, com base em unidades de medida diferentes entre si, ou seja, cada mês do ano se compõe de um determinado numero de dias. É como se tivéssemos uma régua onde cada centímetro é de um tamanho diferente. Com isso, a constituição dos espaços artificiais foi uma consequência natural. Hoje não moramos em um planeta, não somos um povo, uma Terra, um tempo. Temos um ponto específico exato onde nos encontramos, em um quarto em uma casa, que fica em uma rua de um bairro, que pertence a uma cidade, que está dentro de um estado, de um país, de um continente. Esta fragmentação dos espaços é proposital, não só para efeitos postais.

Sol, Lua, estrelas, planetas; entre esotérico com "s" e o exotérico com "x", há vetores ocultos com pontos de afinidade conceitual e consonância na aplicabilidade. Resumindo: O tempo é universal, mas cada um faz e interpreta o seu a sua maneira, cada ser se faz presente onde e quando quer ou pelo menos acha isso. Para um bebê o tempo passa devagar, para um idoso o tempo parece voar. Para um pássaro como será? E uma rocha será que percebe o tempo? São milhões de fragmentos, areia de memórias em grãos que se acumulam em uma praia particular de cada ser, cada objeto.

Quanticamente sublocado em partículas de vazio, o espaço se constrói em energias que transitam. Estas energias se encontram e formam fluxos, estes fluxos se concentram e quando chegam em um local, no tempo, se materializam em formas biológicas, que representam a vida. Isso não quer dizer que as coisas também não têm seu próprio tempo, seres vivos contam o tempo, matéria e objetos têm o tempo contado.

A Entropia é uma teoria derivada da termodinâmica, que mede o grau e corresponde à indicação quantitativa de aleatoriedade e desorganização de um sistema.

Por um lado, vincula-se aos aspectos materiais, integra-se com as concepções do informe e com a predominância do tátil, coloca em crise os dispositivos da percepção através da visualidade e da contemplação estética. Por outro, aponta para o aspecto da desmaterialização e para a dissolução da forma com o espaço. Tais aspectos remetem as relações simbióticas entre matéria e forma, obra e observador, relaciona-se com as distinções entre indivíduo e social, natureza e cultura, repercute através das noções espaciais de distanciamento e proximidade, interior e exterior, espaço público e espaço privado.

Procedimentos artísticos podem permitir a ação da entropia através da incorporação do acaso nos processos de criação, o que coloca o ato criativo dentro de uma esfera real de existência na qual devemos lidar constantemente com contingências não controláveis. Ao agir em diálogo com o meio externo, o artista se faz efetivamente presente no espaço-tempo ao qual pertence.

A Sintropia é uma hipótese que mede o grau de organização das partículas em um sistema, o que contribui para o equilíbrio e para o desenvolvimento. É um processo que opõe-se à perda de energia através da injeção de novas energias. Com isso, os sistemas aumentam a sua desordem para que possa haver mais organização. Esta hipótese é observada em sistemas de recuperação de biomas, como agro-florestas.

Da terra viemos, a terra retornaremos. Cientistas afirmam ter conseguido reunir elementos do barro que são fundamentais no processo inicial de formação biológica. A argila pode ser catalisadora de reações químicas para a criação do RNA a partir dos nucleotídeos. Aquela questão presente na Gênese parece ter respaldo, uma vez que a formação, crescimento e divisão das primeiras células pode haver ocorrido como resposta a reações similares de partículas minerais e agregados de material e energia.

Deste encontro possível entre ciência e espiritualidade é que surge força para trabalhos de arte que conversam com as partes ocultas do pensamento, onde a energia se transmuta em matéria em dispositivos de visualização, com integração entre os fenômenos naturais do tempo e as matérias.

Ao realizar este trabalho, o artista coloca em cheque os processos energéticos que colaboram na construção de conceitos e estabelece uma conexão entre os "mundos" da Arte e da Ciência, enaltecendo o debate entre as certezas e incertezas nas relações entre teorias e hipóteses.